

# TAXA ALTA SEGURA DÓLAR

Ricardo Leopoldo e Valquiria Rey  
Da equipe do *Correio*

**S**ão Paulo — Animado com o aumento dos juros e a aprovação da Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF) no Senado, o mercado deu uma trégua ao governo e reduziu o ritmo da desvalorização do real diante do dólar. Ontem a moeda brasileira perdeu 1,27% de seu valor, um índice pequeno quando comparado aos 4,94% da segunda-feira. No câmbio comercial, o dólar foi cotado entre R\$ 1,53 e R\$ 1,60 para venda, abaixo do teto alcançado na véspera, de R\$ 1,61. Desde a terça-feira passada, o real acumula uma desvalorização de 28,61% diante do dólar.

A decisão do governo de aumentar os juros também animou as bolsas de valores — o pregão de São Paulo fechou em alta de 3,76% —, mas foi insuficiente para estancar a fuga de capitais do país. Até as 20h de ontem, US\$ 387 milhões deixaram o Brasil.

Com isso, a perda de capital estrangeiro desde a liberação do câmbio, na sexta-feira, chega a US\$ 992 milhões. "O resultado de ontem só não foi pior por que uma multinacional do setor automobilístico trouxe ao Brasil US\$ 75 milhões obtidos com exportações", afirmou um executivo de um banco europeu. Cálculos do mercado financeiro indicam que o Brasil perdeu US\$ 6,24 bilhões neste mês e as reservas cambiais estão próximas a US\$ 34,5 bilhões.

No exterior, os títulos da dívida externa fecharam com ligeira alta: o C-Bond, o papel mais negociado com vencimento em dez anos, subiu para 58,3% do seu valor de face, uma elevação de 1,39%. O IDU elevou-se para 86,6% do valor de face, com valorização de 0,4%. "A decisão do Congresso ajudará o Brasil a recuperar sua credibilidade na capacidade de o país de fazer na correção das contas públicas", comentou Edmar Bacha, economista do banco BBA Creditanstalt. "Um bom resultado na votação que envolve a contribuição do funcionalismo e dos inativos ajudará ainda mais no ajuste fiscal."

Arturo Porzecanski, diretor do ING-Barings, está otimista com o



## ANÁLISE DA NOTÍCIA

### ESPECULADORES À ESPREITA

**S**ão Paulo — Depois de ter liberado o câmbio, o Banco Central agora está preocupado em não perder o controle da cotação do dólar. Por isso, aumentou os juros. Os maiores defensores do fim da âncora cambial, incluindo acadêmicos internacionais como o professor Jeffrey Sachs, da Universidade de Harvard, defendiam, há um ano, uma depreciação do real próxima a 25%.

O aumento dos juros também visa tornar mais difícil a vida de quem quer viajar para fora do País. "Há muita gente que deseja comprar dólares, mas não tem dinheiro disponível no momento. Então, precisa tomar empréstimos, mas fica caro pegar dinheiro com juros a 41% ao ano, para comprar a moeda norte-americana a valores altos, como R\$ 1,60", comenta o diretor de tesouraria de um banco europeu. As taxas elevadas também remuneram melhor os investidores que estão no país, tornando mais atrativas as aplicações, especialmente em títulos do governo. (RL)

Como o governo não pode exa-

emprendo do governo e do Congresso para cortar os gastos da União. "Se o governo for bem sucedido nas votações destes dois dias, é possível que em duas semanas será encontrada a taxa de equilíbrio do real em relação ao dólar. Ela deverá ficar próxima de R\$ 1,50", disse.

Os juros abriram o mercado em alta, mas caíram depois que o governo conseguiu vender R\$ 1 bilhão de títulos com vencimento para janeiro de 2000, abaixo do teto de juros de 41% ao ano, fixado pelo BC. Os papéis, Notas do Tesouro Nacional, série S, que têm a primeira semana prefixada, foram comprados por taxas médias de 39,66%. "O valor foi alto, mas mostrou que não chegamos ao pânico", comentou um diretor de um banco estrangeiro. No mercado futuro, a cotação para fevereiro caiu de 39,8% para 39,03% ao ano.

### PARALELO

O mercado do dólar paralelo em São Paulo vendeu ontem a moeda norte-americana a R\$ 1,60, pouco acima da cotação do comercial que fechou em R\$ 1,57. Em algumas casas de câmbio, localizadas na Avenida São Luiz, no centro, o valor de venda do dólar chegou a R\$ 1,65, mas raras negociações foram fechadas. O fraco movimento registrado na segunda-feira acabou se repetindo. Foi um dia de muita especulação e pouco interesse em negociar a moeda norte-americana. As poucas operações realizadas de compra e venda de dólares envolveram valores baixos, entre R\$ 100 e R\$ 200. Só fechou negócio quem precisou com urgência da moeda para viagens ao exterior ou pagamento de dívidas inadiáveis em dólares.

No mercado paralelo, o dólar foi comprado a R\$ 1,40, cerca de 14% a menos do que o valor oferecido para a venda. Antes de o Banco Central anunciar a livre flutuação do câmbio, a moeda norte-americana estava sendo comercializada a R\$ 1,26 para a compra e R\$ 1,28 para a venda. Segundo alguns doleiros, a forte desvalorização do real frente ao dólar já estava sendo aguardada, apesar de o governo afirmar, nos últimos quatro anos, que a situação do câmbio não seria alterada.

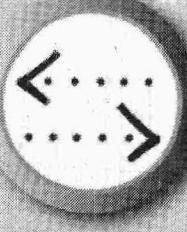
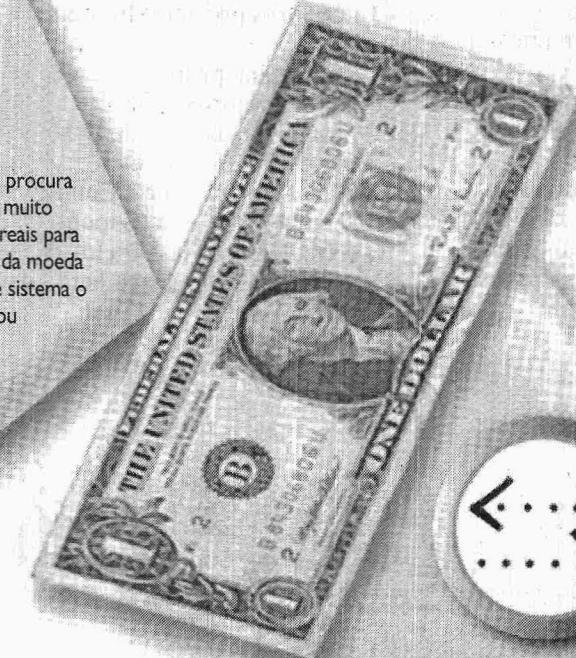
## O FIM DA ÂNCORA CAMBIAL

Acabou o controle cambial. Em menos de uma semana, o Brasil abandonou a política de pequenas desvalorizações diárias do real para a total liberdade de cotação do dólar.

Nesse período, de quarta-feira passada até hoje, a moeda brasileira perdeu mais de 29% de seu valor. Entenda o que isso significa

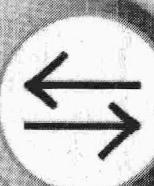
### CÂMBIO LIVRE

As cotações (preços) variam conforme a procura pela moeda. Se, por exemplo, o dólar é muito procurado, será preciso gastar mais reais para comprá-lo, empurrando a cotação da moeda norte-americana para cima. Nesse sistema o governo não interfere vendendo ou comprando dólar para regular as cotações. É como vem ocorrendo no Brasil desde a última sexta-feira



### CÂMBIO ADMINISTRADO

O governo cria mecanismos para que a cotação da moeda não fuja de seu controle, subindo ou descendo de valor em relação a outras moedas de acordo com as necessidades da política econômica



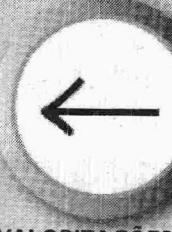
### CÂMBIO FIXO

O governo fixa um valor para a moeda nacional em relação a uma moeda forte — normalmente o dólar. No mercado oficial, a moeda só pode ser negociada àquele preço. O objetivo nesse caso é garantir a estabilidade dos preços e dar tranquilidade aos investidores e credores externos. É como funciona na Argentina

### O QUE É CÂMBIO

É a atividade de comprar e vender ou trocar moedas na forma de dinheiro vivo, ouro, cheques de viagem ou transferências bancárias

Sistema de flutuação controlada. O preço da moeda nacional flutua em relação à moeda forte (dólar) dentro de um intervalo chamado banda. O objetivo é dar certa liberdade ao mercado, mas sem altas ou baixas bruscas, ou consideradas excessivas. Funcionou assim no Brasil até a semana passada



### MINIDESVALORIZAÇÕES

O governo fixa um preço para a moeda e vai fazendo minidesvalorizações para que a divisa nacional não fique valorizada em relação à moeda forte, evitando, por exemplo, a queda nas receitas de exportações

### OS TRÊS TIPOS DE CÂMBIO LIVRE



### FLUTUAÇÃO PURA

Nesse regime, as cotações da moeda em relação ao dólar variam livremente. Isso só existe em teoria



### FLUTUAÇÃO SUJA

O Banco Central calcula um valor médio para a moeda com base nas cotações dos três dias anteriores. A partir dessa informação, fixa preços máximos e mínimos (bandas) para a negociação com a moeda



A autoridade monetária não revela os valores máximos e mínimos aceitos para negociação com a moeda. Mas todas as vezes que os investidores tentam negociar fora dos parâmetros estabelecidos, o Banco Central intervém, vendendo dólar para diminuir a cotação, ou comprando para subir o preço

### COMO ERA ANTES E COMO É AGORA

#### CÂMBIO ADMINISTRADO

■ As autoridades da área econômica estabelecem limites máximos e mínimos (bandas) para negociação com a moeda, como acontecia com o real até a semana passada. O tamanho da desvalorização é controlado pelo governo, de acordo com a política econômica em vigor. A previsão era de uma desvalorização de 7,5% para todo o ano de 1999.

■ Com o valor da moeda controlado, importar fica interessante. Isso porque o aumento de preço dos produtos fabricados no exterior sobem aos poucos, não assustando os consumidores.

■ Os produtos nacionais ficaram menos competitivos depois das significativas desvalorizações feitas pelos países do sudeste asiático e pela Rússia. Com aumento das importações e estagnação das exportações, há desequilíbrio nas contas externas do país.

■ Para cobrir o rombo nas contas públicas, o governo incentiva a entrada de investidores estrangeiros para aplicar seus dólares no mercado financeiro e na compra de empresas. Mas quando o desequilíbrio nas contas é muito grande, o investidor interrompe o envio de dinheiro para o Brasil, temendo uma desvalorização da moeda.

■ Na tentativa de recuperar a confiança e o interesse dos investidores estrangeiros, as autoridades podem optar por aumentar os juros, como fez o Brasil nos últimos anos.

■ Juros altos inibem os investimentos das empresas. As pessoas físicas, por sua vez, também adiam as compras. O resultado é a redução do crescimento da economia ou o encolhimento da atividade econômica (recessão), o que deverá acontecer neste ano.

#### CÂMBIO LIVRE

■ Não há limites para a flutuação da moeda. A cotação do dólar é encontrada conforme o interesse de compra e venda dos investidores, exportadores e importadores. Se há mais gente querendo comprar, o preço sobe. Se o interesse for oposto, a cotação cai. Com o dólar valendo R\$ 1,56, a desvalorização da moeda brasileira já atingiu 29%.

■ A forte desvalorização apresentada pela moeda brasileira desestimula novas importações. Isso porque o preço desses produtos subiu na mesma proporção.

■ Em compensação, o preço dos produtos brasileiros desceu acompanhando a queda na cotação do real. Dessa forma, as mercadorias nacionais ganham condições de competir com os bens produzidos nos países que promoveram desvalorização de suas moedas. Com menos importações e mais exportações, a expectativa é de melhora no saldo da balança comercial.

■ O rombo nas contas públicas começa a ser reduzido com a melhora na balança comercial. Sem tanta necessidade de capital estrangeiro para financiar o desequilíbrio entre arrecadação e despesa, o governo brasileiro pode reduzir as taxas de juros.

■ Como a desvalorização esperada pelos investidores estrangeiros já foi feita, é possível que os dólares que saíram do país nas últimas semanas retornem em busca de boas oportunidades de investimento.

■ Os juros mais baixos estimularão a retomada dos investimentos por parte dos empresários. Outro fator importante para a volta do crescimento econômico é o aumento das vendas de produtos brasileiros no exterior.

■ A queda dos juros depende de equilíbrio nas contas públicas. Se isso não acontecer, o valor do real poderá cair ainda mais.